

brasil: o país do presente... e do futuro?



Eu não tenho o menor problema em revelar a minha idade e, para que você tenha uma melhor compreensão deste artigo, ela será fundamental. Até mesmo a data do meu nascimento torna-se relevante dentro deste contexto. Então vamos lá: nasci, de pirraça, no dia 13 de setembro de 1957. Contrariando os desejos da minha mãe que queria ter um filho ou uma filha (na época ainda não dava para identificar com antecedência o sexo), nascida no mesmo dia de Juscelino Kubitschek, o grande ídolo dela. E é aí que começa a minha história, este artigo e o seu título que agora parece a cada dia mais REAL. Somos o que construímos.

No dia 1º de fevereiro de 1956, nascia o Plano de Metas de JK. Do binômio mineiro para um polinômio nacional, um conjunto de 30 objetivos a serem alcançados em diversos setores da economia. Na última hora, o plano incluiu mais uma meta, a 31ª, chamada de meta-síntese: a construção de Brasília e a transferência da capital federal, o grande desafio de JK. Nasci junto com o Brasil desenvolvimentista.

O Plano de Metas priorizava cinco setores básicos da economia, abrangendo várias metas cada um, para os quais os investimentos públicos e privados deveriam ser canalizados. Os setores que mais recursos receberam foram energia, transportes e indústrias de base, num total de 93% dos recursos alocados. Os outros dois setores incluídos no plano, alimentação e educação, não mereceram o mesmo tratamento dos primeiros.

Nasci ouvindo o barulho vindo do cerrado com a construção de Brasília e a cadência da bossa nova. Meus pais tinham, então, a certeza absoluta de que eu viveria em um país maior, em um país melhor, a maior democracia da América Latina. Ao final dos anos JK, o Brasil havia mudado. Muitos foram os avanços, e muitas foram as críticas à opção de JK pelo crescimento econômico em detrimento de uma política de estabilidade monetária.

De 1964 a 1994 passamos pelo nosso purgatório, convivemos com a ditadura militar, planos econômicos heterodoxos na tentativa de combater uma inflação que chegou a 85% a.m. O meu futuro já havia chegado e aonde estava o país que meus pais vislumbraram? Mas, em 27 de fevereiro de 1994, 43

anos e 26 dias depois do Plano de Metas, nascia, oficialmente, o Plano Real, com o objetivo de estabilizar a moeda. E, com a heterodoxia posta de lado, o Plano Real mostrou-se, nos meses e anos seguintes, o plano de estabilização econômica mais eficaz da história, reduzindo a inflação (objetivo principal), ampliando o poder de compra da população e remodelando os setores econômicos nacionais. Em paralelo, o processo de privatização do governo FHC entregou para a iniciativa privada mineradoras, siderúrgicas, empresas de telefonia, de energia e até bancos que, saneados e remodelados, se transformaram em multinacionais brasileiras e constroem o PIB do Brasil de hoje.

A nossa moeda é a nossa maior conquista e é a estabilidade monetária que permite o planejamento das empresas e das famílias, o crédito e a inclusão das classes D e E no mercado de consumo que estão transformando o Brasil no País das oportunidades de um capitalismo de massa nascente. Este é o País do presente e, para que o nosso futuro de quinta ou quarta economia do mundo esteja cada vez mais próximo, falta a gestão, o planejamento público. Em uma economia globalizada, com informações em tempo real, o grande diferencial dos países será o nível de educação de seus cidadãos e o nível de governança pública: transparência, equidade, boa contabilidade e sustentabilidade como foco no uso do dinheiro do contribuinte.

Para sonhar é preciso planejar...

